

Conflagração europeia¹

Oh! Mas onde o monstruoso transpõe as fronteiras do inconcebível, é no assassinato — permissa-se-me o galicismo por ser mais energético — no assassinato de Miss Edith Cavell. Este crime, fabuloso pela sua surpreendente originalidade, revela, no scelerado que o perpetrou, um duplo instinto: a cobardia e a crueldade.

O suplicio de Joana d'Arc, uma das maiores monstruosidades, que no seu passivo registra o inventario do Santo Officio, dada a época e a causa que o determinou, pôde ao menos ser compreendido, analisado pela lente da moderna critica sociologica. O assassinato de Miss Cavell, em pleno seculo XX, é uma coisa ultra-fantástica, que escapa a toda a especie de exame.

Conduzida junto do muro onde devia ser fuzilada por sentença do tribunal militar — o delicto e as peripecias são do dominio de todos — a infeliz teve um desfalecimento e caiu por terra antes de chegar ao termo da viagem. Este doloroso incidente comoveu os soldados do pelotão, que recuaram confrangidos. Então o official comandante, serenamente, sem que um só musculo se lhe contrahisse, puxou da sua pistola, applicou o cano desta á frente da creatura inanimada e deu ao gatilho.

Ouvindo a detonação, Clémenceau, o vigoroso jornalista, honra da raça latina, soltou um grito formidavel, que ecoou por toda a Europa, repercutindo-se no novo mundo.

Esse grito foi a eterna condenação da barbaria civilizada. Esse grito formidavel chumbou para todo o sempre na sequencia, no decorrer dos seculos, ao Pelourinho da Historia, não a Germania e os seus exercitos visados por Clémenceau, mas sim o Militarismo.

A partir daquele grito, a instituição militarista fica sendo uma ignominia, e se houver um individuo, seja quem for, que ouse defende-la, esse individuo é um ser desprezível.

O grito de Clémenceau ocupa duas colunas do seu jornal "L'homme Enchaîné"; por isso, pois que a assem-

¹ Concluído do n.º 5, pag. 133.

bleia já deve estar cansada, limito-me a transcrever, mal traduzidos, os ultimos periodos :

«Miss Edith Cavell, assassinada por um cobarde, vai viver, entre os homens de todos os tempos e de todos os países, uma vida que, durante um periodo cujo fim não póde prever-se, fará a vergonha e o tormento do povo sôbre o qual o seu sangue espadanou. E para que a edificação seja duravel, eu desejaria que em Roma, em Bruxelas, em Nich, em Paris, em Londres, em Petrogrado, como testemunho de uma indestrutivel comunhão de sentimentos, a nobre senhora tivesse a sua estatua, assim como o official alemão.

«E' mister que aqueles que vierem depois de nós e que não retenham das espantosas realidades dêstes dias senão palavras frias e descóradas, tenham sob os olhos uma imagem que lhes recorde os factos vivos: Edith Cavell e o Boche sem nome, representativo do povo que, sentindo sobre si o peso do oprobio universal, não encontrou uma consciencia, uma unica, donde irrompesse um protesto.

«Dois tipos de humanidade, que fecham o ciclo da nossa historia; da sua grandeza á sua suprema abjecção.

«Dois simbolos; dois pólos da vida, entre os quais é preciso escolher.

«Uma saudação a Edith Cavell».

Meus senhores. E' grande, é imensa a minha admiração por esse colosso do jornalismo parisiense, por esse sacerdote magno da religião nova—a Justiça, que se chama Jorge Clémenceau, que conta oitenta anos, revelando na energia da sua prosa, na precisão e na logica dos seus argumentos e na evocação da Historia, o viço e a frescura da juventude; por maior, porém, que seja a minha admiração por essa figura nobilissima, a minha consciencia e o meu ideal immaculado, isento de toda a especie de sectarismo, não me permitem acompanhar o grande cidadão francês no terreno em que êle se coloca, fazendo extensiva a um povo a responsabilidade que só pertence a uma casta.

Mas é tambem em nome da minha consciencia e do meu ideal immaculado que eu lhe concedo, e espontaneamente o confesso, que nenhum cidadão francês seja qual for a classe, a profissão ou a casta a que pertença, incluindo o militarismo, seria capaz de descer á insondavel ignomi-

nia que, como um estigma, marcou um representante do militarismo germanico.

*

Chegado a esta altura do meu modesto trabalho, prestes a concluir, é positivo que toda a assembléa, que teve a benevolencia de me escutar, concluiu, de acordo comigo, antes que eu lh'o indicasse, que a origem exacta da Conflagração Europeia, como de resto, a de todas as guerras passadas, não é senão esta coisa simplissima que se chama a linha de demarcação das fronteiras. que divide um continente em diversas patrias.

Não ignoro, e antecipadamente os estou ouvindo, que existem tres grupos de individuos, — refiro-me aos sinceros, com os outros não póde haver discussão— aos quais não poderá convencer a minha exposição: os scepticos, os obsecados e os timidos; tendo já engatilhado o estafado argumento: «Mas isso é uma Utopia!»

Como réplica tambem eu já tenho engatilhado o repetido *lugar comum*: «A Utopia de ontem tem sido sempre a realidade de amanhã»; podendo reforça-lo com estes considerandos:

Embora existam de facto, virtualmente, as fronteiras desde ha muito que estão abolidas. A vida moderna é toda, absolutamente, internacional e não ha um unico país civilizado que possa viver isolado dentro das suas fronteiras.

O internacionalismo predomina, duma forma absoluta, em todas as esteras da nossa civilização: na sciencia, na literatura e na arte; são internacionais: o commercio, a industria, a navegação e as finanças; atravessam todas as fronteiras as locomotivas com as suas enormes caudas de wagons; os fios telegraficos e telefonicos; os correios e os autos, as ideias, as *toilettes* e os costumes. Esta invasão internacional aboliu, por consequencia, o patriotismo que, apenas como um sentimento de egoismo, individual, é mantido pelos possuidores de propriedades rusticas e urbanas, não tendo o proletariado, absolutamente nada de comum, nem motivo para respeitar a ficção chamada patria.

*

Quanto ao desideratum... ponderemos.

Por mais critica que, neste momento, possa ser a situação militar, financeira e economica da Alemanha, é positivo que, depois das suas repetidas fanfarronadas, de vencer e germanizar a Europa, o Kaiser não desceria á humilhação de propor a paz ás potencias aliadas; não obstante, pelas transparentes alusões que, de quando em quando, a imprensa alemã deixa perceber em artigos sôbre as operações militares, observa-se que o Kaiser deseja a paz, convencido intimamente da impossibilidade de realizar o seu estúpido e criminoso sonho.

Por outro lado: a «União Sagrada» mantem-se em França em uma unanimidade tão completa que faz o assombro do mundo inteiro.

Conclusão: os exercitos aliados serão vencedores, terminando a guerra pelo esmagamento do militarismo germanico, e, consequentemente, pelo desarmamento geral.

E' nesse momento que o proletariado europeu, no cumprimento da sua missão historica, tomando o lugar que lhe compete nos destinos da «Humanidade Livre», suprime as fronteiras fazendo uma só Patria de toda a Europa, — exemplo imediatamente seguido pelo Novo Mundo.

Será isto uma realidade?

O estado intelectual do proletariado europeu neste primeiro quartel do seculo XX, permite espera-lo. Deve ser desejado, ardentemente, por todos aqueles que, nada possuido, não são interessados na manutenção dêste maldito, dêste abomiuavel «statu quo».

Mas, se isto é um sonho poetico; se não é mais que uma ilusão infantil...; se os netos dos nossos netos tem de ser, como nós, os escravos do Capitalismo; se daqui a dois ou tres seculos, o individuo ainda precisa apelar para a insurreição contra a tirania do Estado — o quarto ou o vigesimo, pouco importa a cronologia; — se no ano 3:000 os habitantes dêste velho continente ainda podem ser comparsas e espectadores dum espectáculo macabro semelhante ao que desonra, neste momento, o seculo XX, Oh! Então... por piedade! Que a cauda redentora dum cometa pulverise, quanto antes, no Espaço, este miserimo Grão de Areia, destruindo para todo o sempre, esta grilheta infernal: «a Vida Humana».

*
 Não! Não! Isso não pode suceder, porque é um absurdo, porque seria a negação do progresso, da evolução, da mentalidade humana! O momento que decorre não é senão um sonho monstruoso, um pesadelo horrível de uma noite caliginosa!

Ah! Mas a Aurora está prestes a romper!

Uma aurora de redenção! Aurora dum novo dia em que o sol, puríssimo e sem nuvens, ha de iluminar a terra inteira e fecundar a semente bemdita, espalhada por cinco gerações de cultivadores obstinados, que a regaram e adubaram com o seu sangue e as suas lagrimas!

A nova Aurora está prestes a raiar, porque é a França que o afirma! E a França é a Liberdade! a França é a Justiça! a França é o Direito!

Quando ela dá um grito desaba uma bastilha! Se ela esboça um gesto colérico rola no cadafalso a cabeça dum tirano! Se um privilégio a ameaça, arroja-lhe a Declaração dos Direitos do Homem!

Desta vez, a França fala pela boca, isto é pela pena de Clémenceau, e eis o que ela nos diz:

«Contra quem este levantamento de todos, esta revolta das consciencias, esta insurreição das ideias?

«Contra um germanismo delirante de megalomania, que pretende realizar o que não conseguiram, nem Alexandre, nem Cesar, nem Napoleão! Impor ao mundo que quere ser livre, a hegemonia do ferro!

«Mas isso já não é do nosso tempo! Demasiado sofreram os homens essa tirania!

«A ideia moderna é o direito para cada um, e a nossa vitória não póde ser de opressão, mesmo para aqueles que combatem contra nós, pois que o germanismo, como tantos outros, conquistou corajosamente o seu lugar no mundo; e se nós combatemos as revindicações de tirania não é para nos servirmos delas.

«E agora ás armas! Todos! Eu já vi chorar alguns porque não se batem a primeira vez. A ocasião chegará para todos. Não haverá um unico filho do nosso sólo, que não esteja na grande batalha.

«Morrer nada importa; o que é preciso é vencer. E para isso temos necessidade de todos os braços. O mais fraco tambem terá a sua parte de gloria.

«Na vida dos povos chega um momento em que passa por sobre os homens um furacão de Epopeia!»

CONCEIÇÃO PIRES.

P. S. — Na noite de 30 de Janeiro proximo passado, á hora em que a população parisiense — aquella parte da população que trabalha e produz para consumo e gozo da outra parte que na ociosidade vive — á hora em que aquella parte da população interrôpia, no somno reparador, a fadiga permanente, uma maquina infernal denominada Zeppelin voou sobre Paris, e os seus tripulantes, defendidos pela escuridão e por um espesso nevoeiro, lançaram sobre a cidade um chuvaeiro de bombas explosivas, que arrazaram três casas, ferindo vinte e sete pessoas e matando vinte e cinco, sendo destas ultimas, dois velhos septuagenários — marido e mulher — uma criança de 4 anos, uma de 18 meses. e uma de 9!

Não existe no dicionário um vocabulo com a propriedade qualificativa para este acontecimento sem precedentes; para este atentado monstruoso, perpetrado *por amor da arte*, por homens civilizados, com cursos de fısica, de quimica e de engenharia!

Dias depois, noticiavam gazetas germanicas, que ao ser conhecido na capital da Prussia o monstruoso atentado, debaixo das janelas da residencia do Conde Zeppelin, uma grande multidão aclamara, delirantemente, o inventor da maquina infernal!

Pois que ultrapassa, em torpe degenerescencia, a mais rilhafolesca saturnal de Nero, evidentemente a noticia é falsa, só pode ser uma fantasia sinistra dalgum plumitivo tarado! Mas se é verdadeira. . . Então, oh, Clémenceau! oh juiz supremo! Então o teu julgamento é definitivo! A tua sentença não tem apelação!

Então a responsabilidade dêsse incomensuravel canibalismo que se chama a Conflagração Europeia, pertence irrevogavelmente, não a uma classe, mas a um povo; não a uma casta, mas a uma raça, que entra nos carceres da Historia, onde permanece durante dez seculos, até que venha liberta-la uma geração de superhomens, uma élite espirital, tendo atingido a suprema perfectibilidade, a suprema beleza, a bondade suprema! — C. P.

